



Becos, ruas e vielas

A importância e a história de seus nomes

PÁGINAS 10 E 11

Masculinidade tóxica adoece, escraviza os homens e faz mal para toda a sociedade

PÁGINAS 4 E 5

Racismo estrutural: Diga não à naturalização do preconceito

PÁGINAS 8 E 9

ONGs e OSCIPs: saiba o que são e o que fazem na Maré

PÁGINA 14

Primeira Infância

Maré de Notícias lança uma série de reportagens que revela, por dados e depoimentos, a importância da Educação Infantil para a formação cognitiva, entre outras, das crianças.

PÁGINAS 6 E 7



DOUGLAS LOPES



Pedreiros

Edilson e Francisco: conhecimento passado de pai para filho ajuda a erguer a Maré e a cidade.

PÁGINAS 12 E 13

EDITORIAL

Novembro traz, para aqueles que se preocupam em refletir e se mobilizar por causas que afligem e impactam o bem-estar de toda a sociedade brasileira, duas questões de grande relevância: masculinidade tóxica, que vem a reboque do Novembro Azul, e o racismo estrutural, com a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra.

Pensar com mais profundidade sobre estes dois temas não significa trazê-los à tona apenas neste mês – essas questões devem ser postas à luz todos os dias, de todos os meses do ano. E isso não é força de expressão, muito menos exagero. Datas, porém, servem para aprofundar esforços de conscientização, ainda mais quando se trata de masculinidade tóxica, um conceito relativamente novo para uma questão tão antiga, que leva homens de todas as idades, raças e credos a serem engessados por normas de comportamento que os adoecem, os enrijecem psicologicamente e até os levam à morte, e reverbera em todo o *modus operandi* da sociedade [uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos].

Quanto ao racismo, este nosso velho e cruel conhecido, é preciso que se fale de sua faceta mais perversa – curiosamente a mais imperceptível – que é o racismo estrutural, aquele naturalizado, tão entranhado em nosso cotidiano que sequer o reconhecemos como tal. Um exemplo: todos acham absolutamente normal que em um País cuja população preta e parda é a maioria haja tão poucos protagonistas de novelas, médicos e ministros negros, para citar apenas alguns casos que merecem ser discutidos. Outro exemplo de racismo estrutural: muita gente acha de bom-tom, “elegante”, chamar uma pessoa preta de “moreninha” ou “escurinha” – como se preto fosse xingamento. Ao trazermos tais temas, desejamos provocar reflexões que nos levem a posturas menos preconceituosas e equivocadas e a promover mudanças urgentes de mentalidade.

A Edição 106 traz, ainda, esclarecimentos sobre ONG, OSCIP, OSC – vale a pena conferir e entender sua essência, o porquê da existência dessas organizações e conhecer as conquistas sociais que foram alcançadas a partir de suas lutas. Neste número, outras reportagens sobre e para os mareenses vêm estampadas. Você está convidado a explorá-las, descobrir e redescobrir conosco assuntos que são relevantes para o nosso querido bairro.

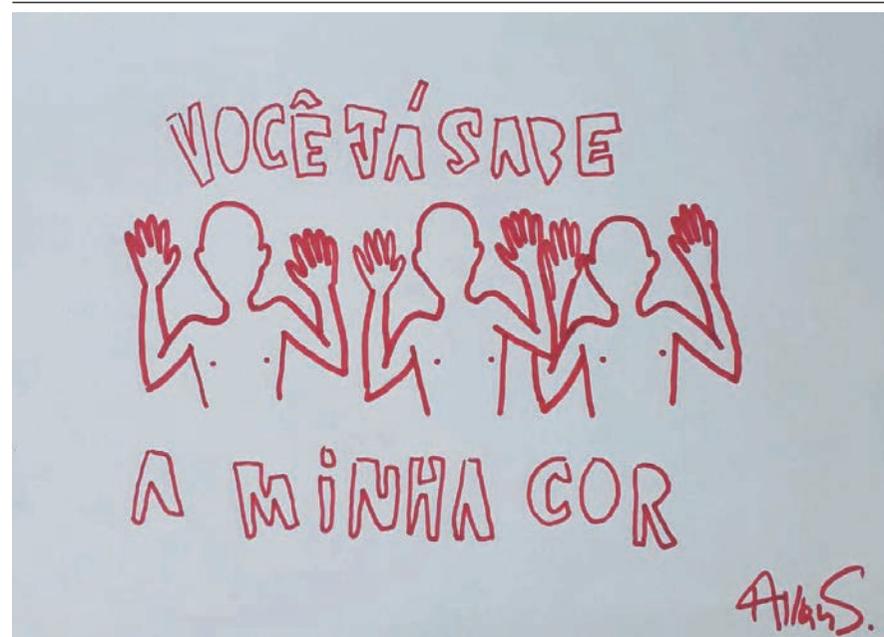
Boa leitura.

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

 (21) 97271-9410

CHARGE - ALLAN PINHEIRO



HUMOR

– A plantinha foi ao hospital, mas não foi atendida. Por quê?

– Porque lá só tinha médico de “plantão”.

.....
O que é, o que é

– Você sabe o que é um filho de um halterofilista?

– É um halterofilhinho.

.....
O aluno levanta da carteira e vai saindo da sala sem pedir licença à professora.

A mestre argumenta: Onde vai menino?

Ele explica: Meu apelido na rua é tarefa, e a senhora escreveu no quadro “Tarefa para casa”.



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:



R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242
Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicação@redesdamare.org.br

PARCERIA:



UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

COORDENADORA DE

COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA EXECUTIVA

Eliane Salles
(Mtb 17026/RJ)

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Flávia Veloso
Jéssica Pires
Thaynara Santos

FOTÓGRAFOS

Douglas Lopes
Jéssica Pires

REVISORA

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O MARÉ DE NOTÍCIAS chega todos os meses na maioria das residências das nossas favelas. Caso não chegue na sua, é só ir buscar na Associação de Moradores da sua comunidade. É gratuito. Leia também notícias fresquinhas do nosso bairro em www.mareonline.com.br

 @redesdamare  @redesdamare  @redesdamare

Um sentido para a vida

Seu João acredita que plantar é uma terapia que dá sentido à sua existência e traz a natureza para a Maré

DOUGLAS LOPES



Mais verde: Seu João utiliza técnicas de agricultura para cuidar dos jardins da Maré

HÉLIO EUCLIDES

Quem vê **João Alves dos Santos**, 79 anos, cuidando de plantas pelas ruas da Maré, não imagina a história de vida desse potiguar, que começou a trabalhar cedo nas terras do seu pai. Foi lá que começou o seu amor incondicional pelas plantas. Muitos anos depois, em 2013 e já no Rio de Janeiro, perdeu sua esposa, o que o levou à depressão. Para superar a doença, passou a cuidar da natureza, deixando mais verde a Maré. “Para levantar dessa situação, comecei a varrer a Rua Carmela Dutra, na Nova Holanda. Percebi

que há pessoas à minha volta, que conversar faz muito bem”, conta.

Nos cinco hectares de terra do seu pai, Seu João “puxava cobra dos pés”, ou seja, era um trabalhador que não abandonava a enxada. Só que um dia sofreu um choque térmico, que o deixou parálítico por quatro anos. Foi desenganado pelos médicos, mas, com fé, tomou um remédio dado por uma vizinha, que trouxe de volta seus movimentos. À procura de um tratamento definitivo, veio para a Cidade Maravilhosa, em 1974.

Cuidar da natureza é terapia

Seu João começou a cuidar de jardins utilizando a técnica que aprendeu na agricultura. “O primeiro lugar foi na Paróquia Jesus de Nazaré, depois na Escola Estadual Professor João Borges de Moraes, onde levei um susto, tinha mato da minha altura, com 1,62 cm. Agora, na Redes da Maré, é onde tento trazer vida às plantinhas da instituição”, diz.

O mareense não se separa do carrinho de mão e do seu capacete. “Por ser branco, já me chamaram de engenheiro”, comenta. Detalhe: uma das características de Seu João é a humildade. Apesar de ser

um paisagista nato, não se considera um jardineiro por desconhecer os nomes de plantas. “Sinto que plantar me anima. Dessa forma, a preguiça para mim não existe”, acrescenta.

O que o deixa triste é ver o que plantou sendo maltratado. Por isso, ensina para as pessoas que planta significa vida. E, apesar de alguns problemas de saúde, Seu João acredita que cuidar da terra virou uma terapia. “Esqueço das dificuldades, como lembrar da minha casa, que está precisando de uma reforma urgente, mas não tenho condição financeira”, diz.

Maré Verde em atividade

Após o plantio de mil mudas de plantas e árvores no fim de setembro (uma parceria com o Projeto Verdejando, uma iniciativa da TV Globo), o Maré Verde continuará suas ações de educação ambiental. A próxima acontecerá nos dias 6, 7 e 8 de dezembro, quando será realizado o 2º Encontro de Saneamento da Maré, no Parque Ecológico da Vila do Pinheiro – uma parceria com o data_labe, que será marcada por um mutirão de plantio. “Importante é lembrar que a Maré está entre as principais vias da cidade. Por isso, precisa de arborização, para se ter um impacto na saúde e na qualidade de vida. O desafio é conseguir uma consciência para o verde,

como o fim do lixo espalhado”, explica **Julia Rossi**, bióloga e coordenadora do projeto Maré Verde.



Criação de uma composteira no espaço da Comlurb

VOCE SABIA? O Maré Verde, iniciado em 2018, é um projeto da Redes da Maré que visa desenvolver atividades de educação ambiental e mobilização social, que envolvam a comunidade escolar, moradores, catadores, Comlurb e outros atores locais.

DICAS DO JARDINEIRO JOÃO

- O melhor para a plantação é cuidá-la com amor.
- Não se deve plantar por plantar.
- Se a muda não cresce, pode ser por conta de a terra ser “fraca”

e precisar de adubo.

O ideal é arar e aguar o terreno, sem se esquecer de sempre mexer na terra.

Não acreditar em “mão boa”. Para Seu João, isso é desculpa para não cuidar corretamente.

Estrume de galinha é melhor que estrume de boi.

Homem chora

No mês mundialmente escolhido para a prevenção do câncer de próstata, o Maré Notícias traz para o debate masculinidade tóxica

HÉLIO EUCLIDES

Meninos não choram, precisam brigar, jogar futebol e usar roupa azul: esses são alguns comportamentos incutidos nos homens ainda na infância – e, com o passar dos anos, as regras vão ficando ainda mais rígidas. É por essas e outras que o tema “masculinidade tóxica” está criando um fuzuê. Uma parcela, ainda pequena, de homens começa a desconstruir essas normas.

Para isso, eles tentam mostrar, com o diálogo, que existem dois tipos de homens: os em “desconstrução” e os em “decomposição”. Isso porque, esse segundo grupo está mais propenso a ter depressão e infarto, entre outras doenças, e especialmente a viver norteadado por regras e imposições que só trazem desconforto e problemas – para eles, para as mulheres e para a sociedade em geral.

Mas o que é ser homem?

No inconsciente cole-

tivo, o conceito do que é ser *homem* traz embutido vários adjetivos: forte, viril, másculo ou até violento. Isso gera a “masculinidade tóxica”. Para ajudar a desconstruir esse conceito nasceu o MEMOH, referência à palavra homem de trás para frente, um projeto que organiza oficinas e rodas de conversa entre homens, para refletir sobre comportamentos.

Para **Caio Cesar**, geógrafo e integrante do MEMOH, a masculinidade tóxica é um conjunto de características e ações limitantes e prejudiciais, que a sociedade delimita como coisas de “homens de verdade”. “Meu intuito é promover a equidade de gênero, fazendo o homem refletir sobre a sua maneira de agir consigo, com o

outro e com a sociedade de maneira geral. Pensar junto com outros homens todas as regras sociais que nos são impostas”, esclarece Caio Cesar.

Caio acredita que a questão familiar é algo muito impactante na construção dos filhos e que, embora não seja a

“Uma ironia é falar que não choramos, pois somos machos. Nós temos sentimentos. Eu choro muito, especialmente com saudade da minha mãe e irmão. O verdadeiro homem é o que cumpre seu papel como pai e marido, em conjunto.”

PAULO RONALDO

Auxiliar de serviços gerais

única, muito do que os homens trazem nos debates de masculinidade vem dessa vivência familiar e do quanto isso influencia nas suas ações. Caio entende que a mudança de pensamento virá de maneira estrutural e somente em longo prazo. “Mas a gente já percebe um interesse muito maior de homens por esse debate, que tem crescido bastante num curto espaço de tempo”, conclui.

Uma sociedade sem imposições

Pablo Poder, educador da Lona Herbert Vianna e professor de Educação Física da Vila Olímpica da Maré, há seis meses vem estudando e divulgando o tema da masculinidade tóxica. “Precisamos começar a conversar sobre o assunto. Uma vez um aluno brincou que descascando cebola é o único momento em que o homem chora. A partir daí,

começa um debate. Chorar é algo nobre, como abraçar”, afirma.

Pablo percebe que o machismo foi imposto aos homens pela sociedade, mas quem sofre é a mulher. São elas que têm de bater na tecla da igualdade de salário, pois o mundo do provedor acabou, hoje as tarefas precisam ser divididas. O seu estudo mostra que a sociedade impõe à menina brincar de casinha, e que ela precisa amadurecer mais rápido. Do outro lado, o menino não pode jogar “queimada”, sendo indicado, para ele, apenas o futebol.

Pablo acha que as regras devem acabar. “A ideia de homem máquina sexual precisa acabar, também temos dias em que estamos cansados. Ensinam que o homem pode trair, ter mais parceiras. Mas quem não pensa assim, vai ficar com depressão, solidão e frustração. Nós, homens, gostamos de um círculo de amizade, fazemos de masculinidade para não sermos excluídos, fazemos o que a sociedade quer, para sermos aceitos. Precisamos colocar a cabeça no colo da nossa companheira para desabafar”, comenta.

O educador é pai de duas filhas, uma de 8 e outra de 19 anos. Ele fica chateado quando ainda ouve a frase: *Prenda suas cabras, que meus cabritos estão soltos*. “Temos de ter uma criação igualitária. Meu avô era machista, mas sempre incentivava os meninos a ajudar nas tarefas de casa. Isso nunca mexeu com a minha masculinidade. É preciso plantar a sementinha; se fosse um remédio, as doses seriam homeopáti-



DOUGLAS LOPES



DOUGLAS LOPES

Jefferson Barbosa, morador da Nova Maré: compartilhando as responsabilidades na criação dos filhos

cas”, conclui.

É preciso soltar o sentimento e conversar

Uma das principais consequências dessa armadura que o homem veste é distúrbio emocional. Entre elas, a ansiedade, depressão, insônia e vícios em pornografia, álcool, drogas, comida, apostas e jogos eletrônicos. “Uma ironia é falar que não choramos, pois somos machos. Nós temos sentimentos. Eu choro muito, especialmente com saudade da minha mãe e irmão. O verdadeiro homem é o que cumpre seu papel como pai e marido, em conjunto”, conta o auxiliar de serviços gerais **Paulo Ronaldo**, de 45 anos, morador da Nova Holanda.

A saúde do homem

Caio Cesar avalia que os homens acessam muito pouco o sistema de saúde por conta de uma noção de força e virilidade, de não conseguir pedir ajuda e ser ajudado. “Isso faz com que a gente tenha uma expectativa de vida bem menor que as mulheres. Há muitos mitos, pouco diálogo e informação em relação a áreas es-

pecíficas do corpo dos homens”, acrescenta.

A masculinidade tóxica pode deixar o homem doente e até contribuir para o grande número de suicídios. Existem várias travas sociais que impedem que os homens procurem ajuda psicológica por acreditar que serão menos homens.

Pablo Poder acredita que a sociedade cria

um perfil e tem quem não se enquadre. “Não procuramos ajuda médica e não desabafamos nem com os pais. Assim ficamos doentes, pois não somos uma máquina. Com 40 anos, precisamos procurar o urologista. Não vamos, por medo do exame do toque, algo que ainda é um tabu. Precisamos desconstruir, ser natural”, avalia.

Novembro Azul: Prevenção ao Câncer de Próstata

Para a conscientização a respeito do câncer de próstata e da saúde masculina, foi criado um movimento internacional, denominado, no Brasil, de “Novembro Azul”. A Secretaria

Municipal de Saúde indica aos homens que desejarem uma consulta, que procurem uma Clínica de Família. A SMS, seguindo orientações do Ministério da Saúde e do Instituto Nacional do Câncer

(INCA), não recomenda nem realiza indiscriminadamente o exame de toque retal para rastreamento de câncer de próstata em pacientes assintomáticos e sem fatores de risco.

OS HOMENS E ALGUNS DOS PROBLEMAS CAUSADOS PELA MASCULINIDADE TÓXICA

Vivem, em média, **7 anos** a menos que as mulheres

Cometem quase **4 vezes mais** suicídio

6 em cada 10 sofrem de **ansiedade, depressão, insônia, entre outros distúrbios**

S3% das **mortes por homicídios e acidentes** são de homens

Cerca de **30%** enfrenta **ejaculação precoce ou disfunção erétil**

Quando sofre **abuso sexual**, demora em média **20 anos** para contar a alguém

São **95%** da **população prisional**

*Dados da enquete “O Silêncio dos Homens”, feita pelo site “Papo de Homens” com 19.800 homens em todo o país (<https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/>)



“Homem é criado para ser machista. Somos secos, aprendemos na infância que chorar é coisa de boiola. Isso faz mal, ficamos nos remoendo por dentro, seguro no nosso mundo. Mas quando envelhecemos, vamos ficando mais sensíveis. Eu ainda travo os sentimentos. Acho que falta amor, olhar nos olhos e conversar. Estamos robotizados.”

Flávio Reis, de 46 anos.

“Está tudo errado, na vida não tem posição. Todos temos capacidade de ir em frente, mas esbarramos no preconceito. O mundo não pode julgar, temos de fazer o que gostamos, trabalhar no que desejamos. Por que todo cabeleireiro é taxado de homossexual? A lei precisa ser mais severa para mudar a sociedade.”

Talyso Rodrigues, de 35 anos, sendo 16 anos na profissão de cabeleireiro.

Sementes do amanhã

Introduzindo uma série de reportagens sobre a Primeira Infância, o Maré de Notícias explica por que esta fase é tão importante para o presente e o futuro das crianças



DOUGLAS LOPES

Primeira infância: tecidos neuromusculares em crescimento proporcionam altíssima absorção de informações

FLÁVIA VELOSO

Camile Lorrane tem sete anos e mora na comunidade Nova Maré. Aos dois anos, a menina começou a cantar no coral da Igreja que a família frequenta e, há dois, faz aulas de capoeira no projeto “Nenhum a Menos”, na Lona Cultural Herbert Vianna. A família de Camile a incentiva desde pequena a praticar atividades fora da escola e de casa, pois acha crucial para o seu desenvolvimento.

A Primeira Infância compreende o período que vai até os seis anos de idade e é uma faixa etária de extrema importância, tanto de ser vivida pela criança quanto de ser observada e apoiada pela família e demais pessoas que a cercam. Isto porque, assim que nascem, os tecidos neuromusculares da criança entram em um estado de crescimento que proporciona altíssimo potencial de absorção de informações, como uma superesponja.

Desenvolvimento baseado em trocas e amor

Que as crianças são o futuro, disso não há dúvidas. Entretanto, é necessário que se olhe não só

para o seu amanhã, mas também para o hoje. “A criança, nesse período, pode absorver as coisas de maneira mais fácil, mas existem cuidados simples, o que chamam de ‘abordagem responsiva’, que é interagir com a criança: conversar, brincar, trocar olhares. Ter uma relação de troca com a criança. Nossa sociedade é centrada no adulto, então os pequenos acabam ficando em segundo plano e a potência dessa faixa etária, que é essencial ser trabalhada para a vida adulta, não é desenvolvida”,

“Se ela [a família] é amparada, se respeita e cuida da saúde, os filhos seguirão o mesmo caminho.”

MARIA HELENA PUCU
Pediatra

explica **Gisele Ribeiro Martins**, assistente social, formada em Liderança Executiva em Desenvolvimento da Primeira Infância pela Universidade de Harvard.

Como 90% das conexões cerebrais são feitas até os seis anos de idade, negligenciar a criança é perigoso para o seu desenvolvimento, uma vez que as interações sociais são cruciais para sua atividade cerebral. Além do mais, as interações afetivas transmitem segurança emocional, o que proporciona vínculos mais fortes entre quem está cuidando e quem está sendo cuidado. “Ela

é uma menina muito amorosa, principalmente comigo. Penteia meu cabelo, faz minhas unhas e está sempre fazendo carinho”, conta **Wanir de Campos**, avó de Camile. Ela afirma que acha importante que a neta tenha uma boa relação familiar e seja participativa. Das atividades que a menina pratica, as favoritas são capoeira, pique-esconde e andar de bicicleta, além de gostar de sair com os familiares.

Maria Helena Pucu, pediatra há 42 anos e médica aposentada pelo Hospital Municipal Souza Aguiar, diz que a melhor forma de desenvolver, no contexto do lar, o potencial que se tem na Primeira Infância vem desde a amamentação, promovendo a saúde da criança assim como o amparo à mãe, atrelado a um ambiente seguro e tranquilo para toda a família e muito amor no âmbito familiar. “Se ela é amparada, se respeita e cuida da saúde, os filhos seguirão o mesmo caminho”, completa Maria Helena.

Iniciativas governamentais e privadas

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dispõe de alguns pontos que abordam especificamente os cuidados com a Primeira Infância, como a atenção às mães em situação de encarceramento e a seus filhos, formação de profissionais que lidam com esse nicho e medidas que atendam a crianças em situação de rua e de violência.



DOUGLAS LOPES

Wanir, suas filhas e neta: boa relação familiar e participação



DOUGLAS LOPES

Crianças na periferia: territórios de brincadeiras, mas também de desafios nas áreas de saúde, segurança e educação

Um dos pontos que o ECA também aborda diz respeito ao Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI), que propõe ações com metas até 2022, para a promoção e realização dos direitos das crianças. O documento, criado pela Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) - composta por organizações da sociedade civil, órgãos governamentais e do setor privado de todo o Brasil - apresenta propostas com base no preceito de que um futuro sólido se constrói no presente, desde o pré-natal da mãe até depois de seu nascimento, com políticas de assistência social, educação, saúde, segurança, lazer, meio ambiente, respeito às etnias e combate à violência, o consumismo desenfreado e o excesso de tempo em frente às telas de aparelhos eletrônicos.

Primeira Infância na periferia

Wanir diz que tem medo de levar a neta Camile à rua, por conta da falta de segurança na comunidade, gerada pelos frequentes confrontos armados e que, se não fossem as atividades oferecidas em alguns espaços, como as que a menina frequenta na Lona da Maré, ela ficaria em casa durante todo o dia.

Desafios também são enfrentados nas áreas de saúde e educação. Pela primeira vez desde a década de 1980, o Ministério da Saúde apontou o aumento da mortalidade infantil em seu último registro, referente aos anos de 2015-2016. Já o módulo de educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

(PNAD-Contínua) 2018 - o mais recente - mostrou que um terço da faixa etária que corresponde à primeiríssima infância - faixa etária entre zero e três anos - está fora das creches. Este dado preocupa, pois, de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), que vai de 2014 a 2024, a meta é de que metade das crianças de zero a três anos esteja nas creches até a conclusão do PNE.

Enquanto a porcentagem de crianças de zero a nove anos corresponde a 15,6% (Censo Maré, 2013) de toda a população residente nas 16 favelas que compõem a Maré, o número em escala da cidade do Rio caiu para 12% (IBGE, 2010). De acordo com o Censo Maré, isso pode ser um reflexo de condições mais

“A criança, nesse período, pode absorver as coisas de maneira mais fácil, mas existem cuidados simples, o que chamam de ‘abordagem responsiva’, que é interagir com a criança: conversar, brincar, trocar olhares. Ter uma relação de troca com a criança.” **GISELE MARTINS**, Assistente Social

acentuadas de pobreza e reafirma uma característica de territórios periféricos. Contudo, além do viés socioeconômico, a forte presença infantil na favela torna o espaço mais vívido e criativo, uma vez que a convivência, mobilidade e brincadeiras das crianças nas localidades são intensas.

Neste sentido, as políticas e planos da gestão pública e das organizações para o período infantil devem ser melhor observados e tratados, especialmente quando se fala de favela, mas também é necessário usar a potência e o valor das crianças para a construção de um futuro melhor para elas.



Ambientes de vulnerabilidade social afetam o desenvolvimento da criança.

Não se pode ignorar o contexto social em que o indivíduo na Primeira Infância vive. O Estado tem o dever de garantir políticas, como segurança pública e saneamento básico, para proporcionar seu pleno desenvolvimento.



Violências físicas, psicológicas e sexuais na infância podem gerar problemas para a vida toda.

Não se pode normalizar estas violências. Até mesmo os gritos e palmadas podem virar problemas psicológicos. É necessário que os responsáveis mantenham diálogo com seus filhos, para protegê-los e deixá-los cientes de que violência é crime.



Seu filho não precisa de muitos brinquedos para ser feliz.

Essa falsa ideia de felicidade que o consumismo traz pode provocar ansiedade na criança.



A educação da criança é igualmente responsabilidade dos pais.

Diversos estudos apontam benefícios para a criança que cresce com a presença efetiva do pai: há ganhos para a amamentação, na aprendizagem e diminui a taxa de infrações a normas, entre outros.

A estrutura do racismo

A escravização de negros africanos e indígenas brasileiros deixou profundas marcas na sociedade; após 300 anos de escravidão, o racismo ainda é uma ferida aberta no Brasil



DOUGLAS LOPES

Mônica Lima e Souza: para a professora da UFRJ, sala de aula é uma importante trincheira na luta antirracista

THAYNARA SANTOS

No Mês da Consciência Negra, o Jornal Maré de Notícias convidou **Mônica Lima e Souza**, coordenadora do LEÁFRICA (Laboratório de Estudos Africanos) e professora do Instituto de História da UFRJ para uma entrevista. Mônica ministrou o primeiro curso sobre História da África em 1992, na Universidade Federal do Maranhão, para graduandos no Brasil. Paralelamente à sua carreira acadêmica, produziu textos para a Educação Básica e para professores sobre o ensino de História da África e considera a sala de aula uma importante trincheira na luta antirracista.

Em 2009, publicou o livro “Heranças Africanas no Brasil”, na coleção Cadernos CEAP, no qual relaciona a História da África à história dos africanos e seus descendentes no Brasil. A professora tem diversas publicações em revistas acadêmicas sobre História da África. Recentemente, escreveu sobre o Cais do Valongo, conhecida como Pequena África, na Zona Portuária do Rio de Janeiro, como sítio histórico de memória sensível.

Maré de Notícias: Qual o papel da representatividade na discussão sobre racismo estrutural? Atualmente, percebemos que uma das principais discussões entre os Movimentos Negros no Brasil é a representatividade nas telenovelas, propagandas, etc.

Mônica Lima: O papel da representatividade é fundamental, porque está diretamente relacionado à construção de uma autoimagem. Como fui professora da Educação Básica por muitos anos, acompanhei e sofri com as imagens estereotipadas, distorcidas e invisibilizadas quando havia referência, nos materiais didáticos, à população negra - na África, no Brasil, nas Américas. Isso vem mudando, sem dúvida, mas está longe de ser suficiente. É necessário utilizar novas referências para a escrita desses materiais, trazer o que vem sendo produzido no campo da História, da Literatura, da Arte. Certamente, a representatividade na mídia importa - e muito. Mas se as crianças e adolescentes não tiverem visto e conhecido, na sua formação escolar, personagens e histórias negras, terão menos ins-

trumentos para ler criticamente a mídia. E, portanto, poderão de forma muito mais consciente lutar por representatividade - e uma representatividade que não se resume a estar lá, mas a estar de determinada maneira que questione o estereótipo.

MN: Qual a sua percepção sobre os impactos da política de cotas raciais nas universidades públicas?

ML: É uma revolução em marcha. Não tenho dúvidas. A presença muito mais expressiva de estudantes negros e negras trouxe muitas coisas positivas: o surgimento de diversos coletivos negros, a demanda por mais disciplinas e projetos que tratem sobre a questão racial, grupos de estudos reunindo esses estudantes, demandas por mais professores negros e por referências bibliográficas negras e africanas nos cursos - tudo isso foi/está sendo um vento forte benfazejo que varreu/varre as universidades públicas. Há que se fazer muito mais, mas esse passo foi importantíssimo.

MN: Democracia racial no Brasil: falácia ou verdade?

ML: Falácia total. O Brasil tem grande parte de sua sociedade atraindo pelo racismo e isso causa um sofrimento enorme. Causa morte e dor. A desigualdade racial nos índices (assassinatos, violência doméstica) é assustadora, bem como na diferença salarial entre negras/negros e brancas/brancos

“É importante relacionar o combate ao racismo com políticas de reparação. Temos de falar de reparação. E já!”

MÔNICA LIMA E SOUZA
coordenadora do LEÁFRICA e professora do Instituto de História da UFRJ

com a mesma escolaridade e desempenhando a mesma função. Temos heranças da escravidão, mas temos um discurso e uma série de políticas racistas no pós-abolição, que desnudam qualquer possibilidade de acreditar que nesse País o racismo é “cordial”. Temos um racismo horroroso, violento e entranhado. E ao negar esse racismo, só o fortalecemos. O pior caminho é o do silêncio.

MN: O que diferencia o racismo estrutural do racismo institucional, já que os dois são derivados do mesmo preconceito?

ML: O racismo estrutural é aquele que está na base, na estrutura que sustenta a sociedade. É o racismo que se percebe por todos os lados, tanto no dia a dia como na observação mais atenta sobre os dados e as estatísticas – que refletem esse racismo estrutural – e no contato com as políticas de Estado, que tiram e/ou reduzem oportunidades de ascensão para negras

e negros, excluem e exterminam. É um racismo que vem de muito tempo, e que muda com muita dificuldade. Para mudar o racismo estrutural, é necessária toda uma mudança de mentalidade e de ações concretas para romper com ele. O racismo institucional tem como base o racismo estrutural, mas é aquele que opera e realiza dentro de instituições – como, por exemplo, a escola, ou mesmo uma empresa. É o racismo que segue as regras da instituição, mas essas regras não são questionadas como produtoras de desigualdades sociais e raciais. É o racismo que pode parecer “não existir” porque as instituições, em geral, se pretendem neutras – mas não são. É um racismo que dificulta a presença, a ascensão, o reconhecimento do talento, da inteligência, da criatividade de negras e negros nas diferentes instituições. É importante relacionar o combate ao racismo com políticas de reparação. Temos de falar de reparação. E já! ●



Do colorismo à falta de representatividade na TV: as muitas facetas do racismo estrutural

Todos contra a intolerância racial

Não é necessário ser negro para discutir sobre o racismo. Mesmo o protagonismo sendo de pessoas negras que passam diariamente pelo preconceito racial, pessoas brancas, indígenas, asiáticas, entre outras, podem ajudar no combate deste mal. Segundo o dicionário, “racismo é a denominação da discriminação e do preconceito (direta ou indiretamente) contra indivíduos ou grupos por causa de sua etnia ou cor.” O preconceito racial pode manifestar-se em violência física ou verbal e também ser entendido como a crença de que uma raça/cor/etnia é superior à outra.

Uma ação preconceituosa somente é considerada racista quando a vítima está dentro de uma estrutura de dominação contra sua raça/etnia/cor. No Brasil, a Lei nº 7716, de 1989, do Código Penal brasileiro, prevê punições

às pessoas que tiverem atitudes racistas, como discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, e crimes de ódio e intolerância racial.

Racismo estrutural

O preconceito racial já está tão naturalizado que nem é possível perceber atitudes, hábitos e palavras racistas que existem no dia a dia. Ninguém questiona, por exemplo, de as novelas, uma paixão nacional, terem poucos atores negros. Como protagonistas, então, pode se contar nos dedos... Outro exemplo são os termos e expressões com origem racista que estão presentes no nosso vocabulário cotidiano. Pequenas mudanças de hábito podem ajudar a “desnaturalizar” o preconceito. Ao lado, algumas expressões racistas naturalizadas na sociedade brasileira.

Dia de branco: termo referente a dia de trabalho duro; termo pejorativo e racista que insinua que só os brancos trabalham e os negros não.

Cabelo duro / pixaim / cabelo de bombril: não existe cabelo ruim; existe cabelo afro, crespo, cacheado.

Serviço de preto: expressão usada quando o trabalho foi mal realizado; insinua a desqualificação do trabalho feito pelo negro.

Tem um pé na cozinha: se refere ao período da escravidão em que o único lugar permitido às mulheres negras era a cozinha da casa grande.



Moreno/a, mulato/a, escurinho/a: achar que uma pessoa não gostaria de ser chamada de negra e usar palavras como mulatinha, moreninha e escurinha é preconceituoso.

Da cor do pecado: usada como elogio, a expressão dá a entender que a pele mais escura é mais tentadora, representa algo sedutor, tornando a cor da pele negra algo exótico e extremamente sexual.



52,9% dos mareenses se declararam como pardos e **9,2%** como pretos para o Censo Maré. O registro de cor/raça segue a classificação do IBGE.

Nome das ruas: cidadania e história

Ruas com denominações oficiais trazem praticidade aos moradores e reafirmam a identidade do local

HÉLIO EUCLIDES

“Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar”, o refrão dessa cantiga popular retrata o cuidado com o local no qual se vive. A Maré tem 815 ruas que, desde 2012, estão identificadas no Guia de Ruas, elaborado pela Redes da Maré e atualizado em 2014. Mas será que os marceenses conhecem o porquê do nome de sua rua?

Quando os moradores buscam conhecer quem são as pessoas que dão nome às ruas, podem descobrir boas histórias. Muitos nomes espelham a biografia do lugar, como a Travessa Rufino, que recebeu o nome de uma liderança do Morro do Timbau; ou Beco do Tatão, uma referência a um serralheiro da Baixa do Sapateiro; e a Rua Gerson Ferreira, uma homenagem ao filho do engenheiro que urbanizou o bairro de Ramos.

A importância dos nomes das ruas

Os dois censos territoriais da Maré serviram para ampliar o conhecimento sobre a região. “Esse trabalho significou dar mais visibilidade às milhares de pessoas, para as quais o simples ato de declarar o endereço ainda tem efeito desfavorável no contexto da cidade. O Censo é uma contribuição para aproximar a comunidade do restante da cidade e para que todos os cariocas

DOUGLAS LOPES



Rua Teixeira Ribeiro, no Parque Maré: homenagem a um dos pioneiros na urbanização e loteamento de Bonsucesso

reconheçam a Maré como o bairro que, de fato, é”, explica **Dalcio Marinho**, geógrafo e coordenador do Censo Maré.

Para **Heitor Pereira**, administrador regional da 30ª Região Administrativa, uma rua com nome traz, entre outros benefícios, a facilidade na hora de os Correios entregarem as correspondências, no recebimento de produtos e até de visitas. “Na minha opinião, todas as ruas deveriam ter nomes de moradores que, de alguma forma, já contribuíram para o bem

de nossa Maré”, diz.

Curiosidades

As denominações das ruas geram curiosidades e também especulações. É comum os moradores quererem saber a origem de um nome. É o caso de **Josinalda Luiz**, moradora da Nova Holanda: “Cheguei aqui com cinco anos e não sei mais, pois gostei de ficar aqui. Apesar de meio século na Maré, nunca soube quem foi Teixeira Ribeiro, onde ficava a minha primeira residência”, conta. Uma das ruas mais importantes do bairro é uma homenagem a João Teixeira Ribeiro Junior, que iniciou a urbanização e o loteamento de Bonsucesso, em 1892.

Algumas ruas da Maré levam nomes em homenagem aos moradores. **Joseni Rodrigues** mora na Rua João Pessoa, no Parque Maré, há 15 anos. A rua tem o mesmo nome da capital paraibana. “Acredito que precisamos valorizar o nome da rua, há uma história por trás, que

muitos não sabem”, acrescenta.

Placas de Ruas da Maré: projeto reconhecido

Logo após o primeiro Guia de Ruas, iniciou-se a confecção de placas, num projeto-piloto chamado Placas de Ruas da Maré. “Buscamos com os moradores a história. Um exemplo foi a Rua Marcelo Machado, que morreu atropelado na Avenida Brasil. O objetivo do projeto é dar visibilidade à rua, uma identidade, buscar o reconhecimento na Prefeitura. O legal é que é um trabalho coletivo, de todos”, explica **Laura Taves**, coordenadora do Projeto Azulejaria, da Redes da Maré.

A placa tem um padrão branco com azul, algo reconhecido pelo Museu de Artes do Rio, que tem uma em seu acervo. Outro passo importante foi o projeto ter sido exposto na Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza. “Meu sonho é colocar o azulejo em todas as ruas da Maré”, resume Laura.

Nas ruas da Nova Holanda, essas placas deram visibilidade. “É um projeto urbano para as ruas da favela. Percebemos que, antes, to-

“Acredito que precisamos valorizar o nome da rua, há uma história por trás, que muitos não sabem.”

JOSENI RODRIGUES
Moradora do Parque Maré



DOUGLAS LOPES

Praticidade e identidade: denominação de ruas traz inúmeros benefícios aos moradores



DOUGLAS LOPES

"Placas de Ruas da Maré": projeto da Redes da Maré traz origem dos nomes dos logradouros na identificação das ruas

dos chamavam parte da região de Bonsucesso, até para procurar emprego. As crianças do projeto foram se habituando com o nome Maré", explica **Marcia Queiroz**, arte-educadora da Redes da Maré.

Lindalira Avelino, lojista há 10 anos na Nova Holanda, gostou das placas e tem até sugestão para as próximas. "Acho que as novas placas deveriam ter o nome novo e, embaixo, a denominação antiga. Isso ajuda o morador e os entregadores", sugere.

Reconhecimento de logradouros em Área de Especial Interesse Social

As ruas das comunidades surgiram por obra dos próprios moradores e por muitos anos não foram reconhecidas oficialmente. Desta maneira, a Prefeitura tem dado preferência aos moradores para a escolha do nome definitivo.

1- Em áreas atendidas

pelo Posto de Orientação Urbanística e Social, uma equipe local estará presente para orientar os moradores. Nas áreas não atendidas, deverão ser apresentados na Coordenadoria de Regularização Urbanística e Fundiária (CRUF), que fica na Rua Afonso Cavalcanti, 455, Prédio Anexo, ala B, sala 409, Cidade Nova, os seguintes documentos:

- Requerimento solicitando o reconhecimento de logradouros;

- Abaixo-assinado com a sugestão dos nomes de cada rua. Informações importantes para a escolha dos nomes: só pessoas já falecidas podem ser homenageadas. Um atestado de óbito (morte natural) deverá ser apresentado junto a um histórico do homenageado;

- Os nomes pelos quais as ruas já são conhecidas poderão ser aproveitados. Para isto, elas deverão atender à legislação para o reconhecimento de logradouros;

- Nomes que já existem em outros lugares da cidade não poderão ser usados;

- É recomendável que sejam apresentadas três opções de nome para o caso de o primeiro ter algum impedimento.

2- A equipe da CRUF organiza um processo para o reconhecimento das ruas, pesquisa se já existe reconhecimento de logradouro no local, elabora um mapa, vistoria o local, de posse dos nomes escolhidos, pesquisa e pode sugerir outros nomes, elabora a minuta de Decreto e encaminha o processo para a Gerência de Logradouros e Revisão de Numeração (GLN).

3- Na GLN, é verificado o impedimento dos nomes sugeridos, se reserva os nomes

e encaminha-se para a Comissão Carioca de Nomenclatura dos Logradouros e Equipamentos Públicos. Após a aprovação da Comissão, o processo é encaminhado para a Procuradoria Geral do Município para aprovação da minuta do Decreto de Reconhecimento, após isso retorna à GLN para fazer correções, se necessárias, e vai para o Gabinete do Prefeito, que encaminha o Decreto para publicação.

4- Após a publicação, a GLN irá realizar as seguintes ações:

- Verificação se os logradouros reconhecidos já possuem CL- Código de Logradouro, e se não tem, é criado;

- Os eixos são georreferenciados e atualizados nos sistemas da Prefeitura;

- Anota-se no Plano Aprovado de Alinhamento e Plano Aprovado de Loteamento;

- Inclui-se nas bases oficiais da Prefeitura de cadastro.

5- Por fim, a GLN:

- Encaminha o processo para a Secretaria Municipal de Fazenda para atualização dos dados fiscais;

- Encaminha Ofício para a Subsecretaria de Conservação;

- Encaminha Ofício para os Correios, solicitando CEP para os novos logradouros.



"Algumas não tinham nomes, eram identificadas por letras ou números, mas acho interessante o nome, pois dá identidade.



Antes tinha uma sequência lógica, sei que é difícil aprender nomes, mas temos de tentar."

Talita Bitencourt, professora no *Campus Maré*.

"O nome das ruas são referências para receber encomendas. O melhor é quando tem o nome de um morador, como o Beco João Francisco de Lima, uma homenagem a uma liderança local."



Sirlene Correia, que mora no Rubens Vaz há 45 anos.



DOUGLAS LOPES

Rua João Severiano, na Nova Holanda: nome da favela é uma alusão a país que também tem grandes aterros

Confira como estão os processos de denominação das ruas da Maré na Secretaria Municipal de Infraestrutura e Habitação. Acesse:

www.maredenoticias.com.br

Quem levanta a Maré

O Bairro não para de crescer e conta com a força e a habilidade de pedreiros, ajudantes e mestres de obras para isso



DOUGLAS LOPES

Francisco: cresceu nos canteiros de obra acompanhando seu pai Edilson
THAYNARA SANTOS

O conjunto de favelas da Maré foi consolidado entre os anos 1940 e 2000, a partir do trabalho coletivo e da necessidade dos próprios moradores ou por meio de programas habitacionais promovidos pelo Estado. Atualmente, 64,3% das famílias das 16 favelas da Maré moram em domicílios próprios. Boa parte das casas ainda é habitada pelas mesmas famílias que a ergueram. Em 1994, a Lei Municipal nº 2.119 aprovou a criação do Bairro Maré. Em oito décadas de existência, residências, comércios, bares e mercados foram construídos à margem da Avenida Brasil, por meio de ocupação espontânea (no início, muitas casas eram construídas em palafitas) e de in-

tervenção pública. A Maré não para de crescer e, para isso, conta com o auxílio específico de uma categoria profissional: os trabalhadores da Construção Civil, sejam eles pedreiros, ajudantes ou mestres de obras.

Um desses muitos profissionais mareenses é **José Francisco do Nascimento**, de 30 anos. Pedreiro e morador da Nova Holanda, Francisco veio de Natal, Rio Grande do Norte, ainda pequeno. O pedreiro conta que o conhecimento da profissão passou de pai para filho e que cresceu em canteiros de obras, acompanhando o trabalho do pai. “Já tem uns 20 anos que eu trabalho nessa profissão, mas eu comecei como ajudante, olhando para aprender.

“ Não tem muita formação para essas coisas de pedreiro, então a gente precisa demonstrar conhecimentos, ter boas ferramentas, ter um material de qualidade, chegar no horário certo, ter respeito ao cliente e entregar o serviço sempre no prazo.”

JOSÉ FRANCISCO DO NASCIMENTO

Eu comecei mais por conta do meu pai, que é pedreiro desde que eu o conheço (risos). Gosto muito da minha profissão, porque é o que está me ajudando a sobreviver; está muito difícil conseguir emprego e estou desde criança trabalhando com isso, só sei fazer isso, então procuro fazer o melhor. Cada dia me especializando em alguma coisa. Já trabalhei em obras na Nova Holanda, na Baixa do Sapateiro, Vila dos Pinheiros, Vila do João, muitos lugares.”

Qualidade e compromisso

Por sua vez, **Alexandre Goulart**, de 37 anos, diz que aprendeu tudo sozinho, apenas “metendo a mão, errando, acertando e com a ajuda de Deus.” O morador do Parque União explica que a profissão que escolheu para sua vida, muitas vezes, é manchada pelas atitudes erradas de outros profissionais. “Para você ser um bom pedreiro, não importa o valor que você vai ganhar, o foco não é ganhar dinheiro. Porque tem duas diferenças, entre quem ganha o dinheiro e quem não entrega a obra. Eu trabalho de outra forma, eu recebo pouco, mas entrego a obra. Eu busco fazer um preço justo, que

dê para o cliente pagar e entrego um serviço com qualidade: no prumo, na régua, no nível, na trena. Tudo no bom estado. Não adianta pegar a obra e depois o cliente precisar de mais dinheiro para refazer.”

José Francisco tem a mesma opinião sobre a ética do seu trabalho. “Todas as obras que eu faço, mesmo que seja só um quartinho ou botar uma cerâmica no chão, que leva mais ou menos um dia, são muito importantes para mim, porque eu gosto de mostrar o meu valor e que as pessoas vejam o valor que o pedreiro tem. Sempre tento fazer o melhor possível, não tem essa de obra melhor ou mais importante. A maioria das obras que eu fiz, foi aqui na Maré, apesar de ter trabalhado para alguns famosos. A gente precisa pegar todos os trabalhos que aparecem, mesmo que sejam pequenos e fazer com a maior responsabilidade e comprometimento”, diz o morador da Nova Holanda.

Um trabalho ainda desvalorizado

O trabalho exercido pelo pedreiro pode ser entendido como um dos ofícios mais antigos do mundo.



DOUGLAS LOPES



DOUGLAS LOPES

Construção Civil: geração de empregos e potencialização da economia na Maré

Mesmo assim, seus profissionais ainda sofrem preconceitos e nem sempre têm seu trabalho valorizado. Nas vagas formais da área, divulgadas em sites de emprego, muitas vezes os únicos requisitos são o Ensino Fundamental incompleto e experiência anterior em obras. Existem alguns cursos e especializações na área da Construção Civil, mas o aprendizado, normalmente, acontece no dia a dia de um canteiro de obras.

Muitos acreditam que pedreiros não possuem

um nível alto de escolaridade e que são pessoas pobres que só servem para serviços pesados. Mas isso não corresponde à realidade: um pedreiro precisa ter noções básicas de diferentes aspectos que envolvem uma construção, como rede hidráulica e elétrica, saber fazer cálculos, escolher materiais, estar antenado com as novidades do mercado da Construção Civil, manusear diferentes ferramentas, entre muitos requisitos. “Não tem muita formação para essas coisas de pedreiro, então a gente precisa demonstrar conhecimentos,

“Eu busco fazer um preço justo, que dê para o cliente pagar e entrego um serviço com qualidade: no prumo, na régua, no nível, na trena. Tudo no bom estado. Não adianta pegar a obra e depois o cliente precisar de mais dinheiro para refazer.”

ALEXANDRE GOULART



DOUGLAS LOPES

Cálculos, materiais, redes elétrica e hidráulica: conhecimentos indispensáveis para exercer a profissão

ter boas ferramentas, ter um material de qualidade, chegar no horário certo, ter respeito ao cliente e entregar o serviço sempre no prazo”, explica Francisco.

Mulheres com a mão na massa

A Construção Civil ainda é uma área dominada por homens, mas o número de mulheres atuando em obras aumenta a cada dia. O surgimento de novos equipamentos e materiais de qualidade ajudam na mudança desse cenário. A presença feminina nos canteiros de obras busca confrontar o senso comum que afirma que mulheres não podem empreender os mesmos esforços físicos que os homens.

No Rio de Janeiro, o projeto Mão na Massa oferece cursos de formação, palestras e a possibilidade de inclusão no mercado de trabalho para mulheres que desejam trabalhar com Construção Civil. A iniciativa é da engenheira civil Deise Gravina, que realiza este ano a 16ª Edição do projeto. O público-alvo são mulheres de 18 a 45 anos, com Ensino Fundamental incompleto. A execução do projeto é do Instituto Maria Imaculada (IPPCAMI) e o financia-

mento é da Petrobras.

Especialização e mercado de trabalho

Existem muitos cursos na área e a dica é procurar um mais próximo de casa, com o melhor custo/benefício e ficar atento aos requisitos como idade e escolaridade. Instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Social da Indústria da Construção do Rio de Janeiro (Seconci-Rio) oferecem cursos de qualificação profissional, como: pedreiro de alvenaria, mestre de obras, pedreiro de revestimento, encanador, carpinteiro, entre outros.

A Redes da Maré oferece o curso *Drywall* (280 horas). *Drywall* significa “parede seca”, em Português, e é uma tecnologia que substitui as vedações internas convencionais de edifícios, como paredes, tetos e revestimentos, por placas de gesso parafusadas em estruturas de perfis de aço galvanizado. O curso tem como objetivo oferecer uma qualificação técnica na área da Construção Civil e tem duração de cinco meses. Público-alvo: moradores da Maré, de 18 a 30 anos e que tenham o Ensino Fundamental completo.

VOCE SABIA? Em Portugal, o pedreiro é, por vezes, chamado de *trilha*, palavra que significa, em geral, ajudante ou servente de pedreiro.

O Dia do Pedreiro é comemorado em 13 de dezembro.

A palavra “pedreiro” teve sua origem do latim *petrarium*, ou seja, relativo à rocha, rochedo, penhasco, penedo; pedra.

Piso Salarial - Construção Civil (Brasil 2019) - Pedreiro de obra: R\$ 2.074,72 (*Dados do site SINTRACONST - Rio*)

Os trabalhadores cariocas da Construção Civil têm um sindicato, o SINTRACONST-Rio (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil do município do Rio de Janeiro), fundado em 1931.

A serviço da Maré

ONGs fazem parte da história de lutas por políticas públicas e direitos no Brasil; mesmo em países desenvolvidos sua atuação é fundamental

DOUGLAS LOPES



Prédio central da Redes da Maré na Nova Holanda: atuação em Educação, Segurança Pública, Arte e Cultura, Identities e Memória e Desenvolvimento Territorial, entre outras

FLÁVIA VELOSO

ONG, OSC e OSCIPS. Em meio a tantas siglas, fica difícil compreender o significado e o verdadeiro papel das entidades. Organização Não Governamental (ONG) é um termo adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU), mas significa o mesmo que Organização da Sociedade Civil (OSC), termo usado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). As Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) possuem a mesma função, a diferença é que, para ter no nome as duas últimas letras da

sigla, são necessários uma certificação específica e o cumprimento de alguns requisitos previstos em lei. Ou seja, para quem é beneficiado pelos serviços, não há diferença. A Redes da Maré se encaixa na denominação de OSCIP.

Ainda que os serviços públicos sejam dever do Estado, as entidades da sociedade civil desempenham o papel de tentar sanar a carência de atendimento que continua existindo. “O Estado nunca vai chegar a todos os lugares, mesmo nos países mais ricos. Sempre vai haver necessidade de se ter organizações da sociedade civil”, explica **Athayde Mota**, membro da diretoria executiva da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG).

Luta por garantia de direitos e de políticas públicas

Não se pode subestimar as mobilizações feitas por quem se organiza por uma causa. Em muitos momentos, essas organizações, por meio de pressão, levaram planos praticados em seus espaços a esferas governamentais, emplacando políticas públicas e garantia de direitos. “Quando a sociedade se organiza, isso pode ter um impacto muito positivo, mesmo que, no início, só

esteja suprimindo uma responsabilidade que o governo não cumpre. Exemplos disso são a Lei Maria da Penha e o sistema de cotas nas universidades, que são fruto de mobilizações sociais”, disse Athayde.

“As ONGs são parte da sociedade organizada e representam interesses e visões de mundo variados.

Ainda que não devam, nem consigam substituir as ações do Estado, quando suas visões de mundo representam os segmentos invisibilizados, preteridos e explorados, as ONGs contribuem para tornar visíveis suas demandas, politizam as diferenças sociais e ampliam o acesso a bens e serviços sociais”

JOANA GARCIA, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ

VOCE SABIA? OSCs e OSCIPs são entidades privadas da sociedade civil, sem fins lucrativos, que oferecem serviços públicos. Elas se autoadministram e são construídas de maneira voluntária.



FELIPE KUSNITZKI

ONG Luta Pela Paz: investindo na cidadania através do esporte

NA MARÉ

Principal da Virada

Quarta - DJ tocando todos os ritmos

Sexta - pagode

Sábado - baile

Domingo - forró e sertanejo

Local - Bar do Grande e do Moraes

Rua Quatorze, em frente à Associação de Moradores da Vila do João.

Forrozão do Cleiton e**Dentinho**

Quando - toda sexta, a partir das 23h

Local - próximo à Passarela 11.

Feijoada de Zumbi com o grupo Nova Raiz do Samba

Quando - quarta-feira, 20 de novembro

Local - Avenida Brigadeiro Trompowski, 580 (Clube São Cristóvão)

Horário - a partir das 12h

Feijoada completa a R\$ 15

Entrada - Franca

Lona Cultural Herbert**Vianna**

Rua Ivanildo Alves, s/nº - Maré

As programações são gratuitas.

Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado

O acervo, constantemente atualizado, atende a faixas etárias distintas, com obras de literatura brasileira e de várias áreas do conhecimento.

Horário - aberta diariamente, das 13h às 18h

Projeto Nenhum a Menos

Contribui para a melhoria das aprendizagens formais de crianças que enfrentam dificuldades de leitura e escrita.

Horário - segunda a sexta-feira, das 15h às 18h

Público-alvo - crianças e adolescentes de 6 a 15 anos

Cine Clube Rabiola

Serão dias intercalados entre curtas-metragens, longas e médias, possibilitando que as crianças entrem em contato com diversos formatos do audiovisual.

Quando - quartas-feiras, quinzenalmente

Horário - 17h30

Público-alvo - crianças a

partir dos 6 anos

Oficina de Estencil Arte Transforma Vida

Formação por meio de várias linguagens do cotidiano da periferia e da favela.

Quando - todas as quintas

Horário - 15h às 17h

Público-alvo - adolescentes a partir de 14 anos.

Oficina de danças populares afro-brasileiras

Dinâmica com danças populares afro-brasileiras, com conversas e reflexões sobre essas tradições.

Quando - quartas-feiras, quinzenalmente

Horário - 15h30

Público-alvo - crianças com idades entre 8 e 12 anos

Oficina de percussão**Panderolando**

A oficina propõe a iniciação e experimentação livre dos instrumentos de percussão, pelo desenvolvimento coletivo baseado em diferentes manifestações artísticas.

Quando - sextas-feiras, até dezembro.

Horário - 17h às 19h

Público-alvo - crianças e adolescentes de 8 aos 17 anos.

Maré de Capoeira

Tem por objetivo usar todos os elementos da Capoeira como meio para desenvolver todo o potencial motor, artístico, cultural, social, musical e afetivo de crianças e jovens.

Quando - todas as terças e quintas-feiras

Horário - 15h

Público-alvo - crianças entre 6 e 12 anos

Oficina Costurando Afetos

O educador Carlos Marra propõe, nesta Oficina, construir uma colcha-objeto coletiva, que partirá dos desejos, memórias e afetos dos jovens e crianças que farão esta costura.

Quando - segundas-feiras quinzenais, até dezembro.

Horário - 17h às 18h30

Público-alvo - crianças e adolescentes entre 8 e 16 anos

Teatro do Oprimido

Em parceria com o SESC Ramos, a oficina de Teatro do Oprimido pretende aproximar as crianças e jovens da técnica e pesquisa de Augusto Boal, pensando como podemos

refletir sobre desigualdades sociais a partir do teatro.

Quando - terças-feiras

Horário - 15h

Público-alvo - crianças e adolescentes da Maré

Palhaçaria

Em parceria com o SESC Ramos, a oficina de Palhaçaria pretende aproximar as crianças e jovens do trabalho de *clowns* e palhaços, lidando também com técnicas de malabares e artes cênicas de maneira geral.

Quando - quartas-feiras

Horário - 15h

Público-alvo - crianças e adolescentes da Maré

Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto

Atende à demanda de jovens e adultos de um lugar para leitura, pesquisa e estudo.

Horário - 10h às 21h

Local - Rua Sargento Silva Nunes, 1.008 - Nova Holanda

Sala de Leitura Maria Clara Machado

Para o público infantil, leitura, contação de história oficinas, material para desenho, pintura e uma variedade de brincadeiras e jogos.

Horário - 15h às 21h

Local - Rua Sargento Silva Nunes, 1.008 - Nova Holanda

Centro de Arte da Maré

Oferece uma intensa programação de eventos artísticos, culturais e sociopolíticos.

Quando - de segunda a sexta-feira, das 9h às 21h; aos sábados, das 9h às 13h

Local - Rua Bittencourt Sampaio, 181 - Nova Holanda

PELA CIDADE

Galpão das Artes da Comlurb

Exposição "Reciclar tá na moda", com bonecas Barbie vestidas com materiais reaproveitados pelo produtor cultural Erick Ferraz, que transformou em arte o *hobby* de criar Moda Fashion para as bonecas descartadas, que ele encontrava no lixo.

Local - Avenida Padre Leonel Franca s/nº - Gávea (ao lado do Planetário da Cidade).

Quando - até 22 de novembro, de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h

Planetário da Cidade

Proporciona aos seus visitantes uma experiência de contato com a astronomia e as ciências afins de maneira lúdica e interativa.

Local - Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100 - Gávea

Dias e horários - Observação do Céu - todas as quartas e aos sábados, às 18h

Entrada - 1 kg de alimento não perecível por pessoa

Mosteiro de São Bento

Fundado em 1590, localizado no Morro de São Bento, no Centro do Rio de Janeiro, bem próximo à região portuária. É um dos principais monumentos de arte colonial da cidade e do País. Mesmo para quem não é católico, vale uma ida a este lugar histórico de silêncio e paz.

Local - Rua Dom Gerardo, 68 - Centro

Horários - 8h às 18h para visitação

Entrada - franca

Feira de antiguidades da Praça XV

É apontada como a maior feira de antiguidades da América Latina. São 360 barracas onde é possível encontrar de tudo. É como um túnel do tempo. Entre os objetos estão brinquedos, peças de decoração, livros, discos, roupas, isqueiros, louças, fotos antigas e aparelhos elétricos do tempo da vovó.

Local - Próximo à estação das barcas - Centro

Horários - sábados, das 6h às 15h

Entrada - franca

Nave do Conhecimento

Espaço que democratiza o acesso ao universo digital em ambiente colaborativo e criativo. Oferece oficinas, cursos e eventos relacionados à Informática Básica, Economia Criativa, Tecnologias da Informação, Robótica e Programação, Trabalho e Empreendedorismo.

Local - Rua Santa Engrácia, Praça Santa Emiliania - Penha

Horários - segunda a sexta, das 9h às 21h; aos sábados, das 9h30 às 16h30

Entrada - franca

Telefone - 99011-4470

Delícias que cabem no bolso

A receita desta edição é um mimo que Virginia Lúcia faz aos seus clientes e – também aos que não são: revelar a receita de seu famoso bolo de cenoura. A guloseima faz muito morador correr pra não ficar sem a sua fatia, quando Virginia passa com o seu carrinho.

BOLO DE CENOURA COM COBERTURA DE CHOCOLATE

Ingredientes:

- Bolo**
 3 colheres de café de fermento
 1 xícara de óleo
 2 xícaras de açúcar
 3 xícaras de farinha de trigo
 3 ovos
 1 xícara de água
 3 cenouras
 Manteiga (para untar a forma)

- Cobertura**
 2 caixas de creme de leite
 5 colheres de Nescau

Preparo:

Bolo
 Bata, no liquidificador, o óleo, a água, as cenouras, o açúcar e ovos até obter uma massa homogênea. Feito isso, transfira a massa para outro recipiente e acrescente a farinha e o fermento. Então, mexa delicadamente até incorporar e transfira para uma forma untada e enfarinhada. Leve ao forno a 180 graus por 30 minutos ou até assar.

Cobertura
 Misture os ingredientes no fogo brando até engrossarem. Assim que a calda esfriar, coloque-a sobre o bolo.



PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

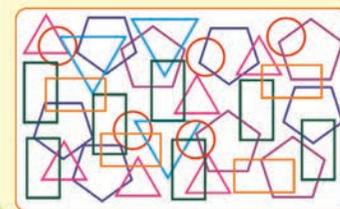
Figuras Diretas

Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já está escrito como exemplo.



Desafio

Quantas vezes cada figura se repete? Veja o exemplo.



Solução

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

(21) 97271-9410